

Carnaval como Experiência Cosmológica: Notas Etnográficas sobre Corpo, Tempo e Trocas Simbólicas

Resumo

Este artigo analisa, a partir de um relato autoetnográfico do Carnaval de 2018, as dimensões sensoriais, temporais e relacionais que constituem a experiência da festa. Argumenta-se que o Carnaval opera como um **"tempo fora do tempo"** (CAILLOIS, 1988), um período de intensa compressão espaço-temporal onde corpos, energias e substâncias circulam em ritmo acelerado, promovendo transformações subjetivas e cosmológicas. A análise explora a contraposição entre festa e ritual, a percepção astrológica do tempo e a centralidade das trocas corporais e emocionais como formas de conhecimento, dialogando com autores como DaMatta (1979), Perrone-Moisés (2012) e conceitos como o de "multinaturalismo" (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Conclui-se que a experiência carnavalesca oferece um modelo privilegiado para refletir sobre os efeitos da aceleração social contemporânea e a busca por preenchimento do "vazio" identitário.

Palavras-chave: Carnaval; Autoetnografia; Corpo; Tempo; Trocas Simbólicas; Cosmologia.

Introdução

A maioria das noites de Carnaval me surpreendeu. Pude sentir, em 2018, o que considero o melhor Carnaval da minha vida. Foi quando, para além da vivência, busquei compreender seu **significado** enquanto fenômeno total. Seguindo a provocação de Beatriz Perrone-Moisés (2012), que evoca Pierre Clastres, proponho usar os termos conforme a fala nativa: o Carnaval é, antes de tudo, uma **FESTA** – grafada intencionalmente em maiúsculas para demarcar sua oposição prática ao "ritual" cotidiano, um momento de inversão e suspensão das normas (DAMATTA, 1979). Este ensaio parte de uma experiência pessoal para tecer reflexões antropológicas sobre como a festa configura uma emanção concentrada de energias em tempo-espço reduzido, ativando intensas trocas materiais, simbólicas e afetivas que iluminam questões mais amplas sobre o corpo, a socialidade e o cosmos na vida contemporânea.

1. A Compressão Carnavalesca: Corpos, Energias e Circulação Acelerada

O Carnaval se manifesta como uma compressão extrema: movimentos ficam intensos, a velocidade aumenta, o espaço interpessoal diminui. Aproximação de corpos. Suor. Calor: Energia. Dança. Sexo. Beijo. Energia. **Trocas**. Há uma circulação febril – de cervejas, de bebidas alcoólicas, de drogas, de pessoas, de viagens (no duplo sentido), de sons, de artes corporais, de expressões faciais. Como observa Roberto DaMatta (1979), o

Carnaval é o momento em que a rua, espaço da ordem e do trabalho, é tomada por uma lógica relacional distinta, baseada na comunhão e no excesso calculado. A aparição do bloco "Tutui", "na cara da Globo", reforça a dimensão política dessa apropriação: "O carnaval é de quem faz a Festa. O carnaval é de quem desfila nas escolas, de quem cola nos blocos, de quem sai às ruas". Esta é uma certeza: ninguém tirará a Festa dos brasileiros, pois nela está expressa, de modo caótico e plural, uma **totalidade social** (MAUSS, 1923-1924).

É impossível uma descrição linear do Carnaval, assim como é impossível reduzir o Brasil, território enorme, a uma única narrativa. A festa oficial, do calendário católico – da *sexta-feira* à *terça-feira*, antecedendo a Quarta-feira de Cinzas e a Quaresma –, é apenas um arcabouço vazio que é preenchido por práticas heterogêneas. A marca religiosa colonial permanece, como um **princípio do desconhecido** que estrutura até mesmo suas negações, pois, como lembra Lévi-Strauss (1962), o pensamento religioso está sempre presente como uma forma de classificar e dar sentido ao mundo.

2. Tempos Sobrepostos: Astrologia, Quaresma e a Percepção Cosmológica

Além da marca religiosa, percebi um movimento astrológico que demarcava transformações pessoais. A experiência no tempo-espaço da **Festa-CARNAVAL** e seu rescaldo coincidiram com trânsitos planetares que pareciam ecoar meus sentimentos e ações. Enquanto o calendário eclesiástico iniciava um período de 40 dias de resguardo (a Quaresma), eu iniciava um movimento contrário: de sentir o corpo na natureza, de aprender a usá-lo melhor. Este

aprendizado intenso se dava através das emoções – sentidas todas juntas, não canalizadas, mas vividas e seguidas. Escrever se tornou necessário para marcar o fluxo do pensamento, para tentar compreender.

Apreendi, através da antropologia, que estas percepções não são meramente subjetivas. Como demonstrou Lawrence E. Sullivan (citado por LANGDON, 1996), o cosmos, para muitas tradições xamânicas, mantém uma **relação de proporcionalidade direta** com o mundo humano e o mundo químico-biológico. O xamanismo está para a biomedicina assim como uma cosmologia relacional está para um modelo mecanicista. As trocas apreendidas pelas emoções, portanto, são formas de **conhecimento incorporado** (CSORDAS, 1990), mais significativas que experiências meramente observadas. Um corpo transmite a outro um fluxo total de informações necessário para relações de troca eficazes.

3. Da Troca como Princípio Relacional: Corpos Distintos e Multiplicidade de Perspectivas

Conhecer o mundo é conhecer pessoas. Pessoas, como toda a natureza (humanos e não-humanos), proporcionam **relações**. Toda movimentação corporal estabelece relações. Uma relação é o processo de interação entre dois corpos distintos, cuja separação – a delimitação de uma forma em relação à outra – é condição para a interação. Não há confusão, mas **multiperspectivismo** (VIVEIROS DE CASTRO, 2002): formas diferentes

habitam e percebem o mundo de modos diferentes. A "forma" causa a separação necessária para a relação.

Neste período, entendi a importância de estabelecer **processos de troca constantes** e de não quebrar ciclos de cadeias relacionais. O universo, o próprio cosmos, surpreende com transformações rápidas, energia de mudança intensa. A aceleração é a regra: em pouco tempo, capta-se muita informação. O desafio passou a ser **canalizar e processar** esse fluxo aceleradamente, sob o risco de ser por ele consumido.

4. Aceleração, Vazio e a Crítica do Consumo: Reflexões a Partir da Experiência Carnavalesca

A necessidade de respostas rápidas parece ser o estopim da produção industrial e da emergência alarmante de uma **vontade de vazio**. Uma vontade que sente uma dor – o vazio interior – e tenta preenchê-lo consumindo freneticamente. A alta circulação de informações gera a necessidade de respostas velozes, que, por sua vez, dinamizam o tempo, encurtam o espaço e aprofundam a sensação de vazio interno. A principal doença destrutiva já foi diagnosticada: o **ego humano** moderno, uma construção frágil moldada pela vontade (a *anima*, o princípio de decisão).

Quando surge o vazio, a vontade busca preenchê-lo rapidamente para anestesiar a dor. O consumo acelerado e irrefletido torna-se um **autoengano**, um princípio de alienação. Como argumenta Zygmunt Bauman (2001), na "modernidade líquida", as identidades não fixam raízes, as relações não são

duráveis, deixando marcas efêmeras que geram insegurança e vazio. Associar essa vontade à ética do consumo imposta pelo capitalismo parece inevitável, como também apontou Walter Benjamin (1936) ao analisar como a reprodução técnica esvazia a aura da experiência.

Considerações Finais: A Etnografia como Resposta ao Vazio

A falta de interação etnográfica, percebi, afeta a metodologia. É necessário sair do gabinete e ir a **campo**. O campo é o principal processo da pesquisa etnográfica, ainda que o diálogo com etnografias de outros tempos-espacos seja essencial (PEIRANO, 1995). A busca pela etnografia forma a imaginação sociológica necessária para observar dados que se apresentam imediatamente na experiência. O Carnaval de 2018 foi meu campo de descobertas intensas – um laboratório de sensações, trocas e acelerações que me forçou a processar informações cósmicas e sociais em tempo real. A festa, em sua efemeridade total, tornou-se uma lição etnográfica permanente sobre a importância de sentir o corpo, de sustentar trocas e de entender que, no ritmo frenético do mundo, a pausa para a reflexão escrita é um ato de resistência contra o vazio.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. (1936). In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Tradução de Diva Ribeiro de Toledo. Lisboa: Edições 70, 1988.

CSORDAS, Thomas J. **Embodiment and Experience: The Existential Ground of Culture and Self**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LANGDON, E. Jean. **Xamanismo no Brasil: novas perspectivas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O totemismo hoje**. Tradução de Inês da Silva Duarte. Lisboa: Edições 70, 1962.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. (1923-1924). In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. **Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII)**. São Paulo: Edusp, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

